Religião e Teologia da prosperidade: a dominação pela estultificação das consciências

Religion and Theology of Prosperity: The Domination By Stultification of the Consciences

Raimundo Sérgio de Farias Junior[231]
Docente no PPG em Ciências das Religião da UEPA

Lienne Moraes e Moraes[232]
Mestranda do PPG em Ciências das Religião da UEPA

Resumo: O objetivo desse artigo é analisar em que medida a teologia da prosperidade reproduz sua dominação ao estultificar as consciências de seus seguidores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir da epistemologia do materialismo histórico dialético, que realizou uma investigação empírica junto a fiéis de uma igreja neopentecostal localizada no município de Belém (PA). Os instrumentos de coleta de dados foram a observação direta e a entrevista estruturada. Os dados foram analisados conforme orienta Bardin (1977) mediante emprego da análise de conteúdo.

Recebido em: 03 nov. 2025 Aprovado em: 17 mai. 2026

[231] Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, Mestre em Educação pela UFPA, Doutor em Educação pela UFPA e Pós-Doutorado pela PUC/SP. Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Pará (UEPA). É professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR/UEPA) e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UEPA). É Líder do Grupo de Pesquisa Marxismo, Religião, política e educação no contexto amazônico. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/5767392608877546 Email: jrbarcafarias@yahoo.com.br

[232] Mestranda em Ciências da Religião no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (PPGCR/UEPA). Especialização em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Especial pela (FAM). Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/6656403610994038 E-mail: moraesemoraeslienne@gmail.com

Palavras-chave: Neopentecostalismo. Teologia da prosperidade. Domínio. Estultificação das consciências.

Abstract: The article has the objective to analyze which measure the theology of prosperity reproduces his domination to the stultifying the consciences of its followers. Concerns a quantitative study, using the epistemology of the dialectical historic materialism, which realizes a empirical investigation alongside a devotes of a neo-Pentecostal church situated in the municipality of Belém (PA). The data collection instruments has the direct observation and the structured interview. The data was been analyzed according orients Bardin (1977) through the use of content analysis.
Key-words: Neo-Pentecostalism. Theology of Prosperity. Dominion. Stultification of the consciences.

Introdução

A teologia da prosperidade tem seu berço nos Estados Unidos ainda no século XIX. Ela tem operado sistematicamente focada na comercialização da fé cristã, especialmente quando enfatiza o acúmulo de riquezas materiais na terra. Para Garrard-Burnett (2011) o discurso utilizado na América Latina pela teologia da prosperidade se assentou na promessa de uma vida abundante e reside nesse aspecto um dos elementos que foram favoráveis a popularidade dessa teologia, uma vez que, de certo modo, representou uma resposta "[...] parcial aos desafios de políticas econômicas neoliberais e das pressões da economia global" (Garrard-Burnett, 2011, p. 177).

Empregando uma agressiva técnica de marketing, essa teologia, conforme defende o Bispo Edir Macedo (líder da Igreja Universal do Reino de Deus) promete uma vida com abundância (Macedo, 1990, p. 75) e a transformação miraculosa da vida, baseada na prosperidade e na riqueza material. Nas palavras de Silva; Souza (2010, p. 41), essa teologia está em sintonia com a mercantilização do sagrado e na qual a fé perde espaço para a promessa de prosperidade material.

Os reflexos dessa teologia repercutem na existência subjetiva dos indivíduos, especialmente em uma sociedade com posições fundamentalistas e negacionistas e que ganham representatividade e visibilidade ao mesmo tempo em que a Ciência e a educação perdem espaço na formação das pessoas.

Assim, em grande parte, a teologia da prosperidade acaba dando expressiva contribuição para o aprisionamento das consciências. Essa teologia, por estar em sintonia com preceitos neoliberais (Botero; Aguirre; Almeyda,

2023) colabora com a reprodução do modo de produção capitalista. Dessa forma, podemos perceber o atual estágio do capitalismo se alia a religião com o objetivo de "[...] capturá-la e transformá-la a seu favor, pois permite uma alternativa para curar, momentaneamente, o sofrimento subjetivo sofrido pelo homo economicus por viver como manda o sistema" Boterro; Aguirre; Almeyda, 2023, p. 2). Tendo em vista esse cenário, resumidamente apresentado, o objetivo desse artigo é analisar em que medida a teologia da prosperidade reproduz sua dominação ao estultificar as consciências de seus seguidores em uma igreja de orientação neopentecostal localizada no município de Belém (PA). Trata-se de investigação de natureza teórica e empírica. O instrumento de coleta de dados foram a observação direta e a entrevista estruturada. Os dados foram analisados conforme orienta Bardin (1977) mediante emprego da análise de conteúdo.

1 Teologia da Prosperidade: a fé como comércio

Para Pizzi (2021), a fé se converteu num produto à la carte, isto é, uma espécie de serviço em que o cliente escolhe individualmente o tipo de prato ou serviços dispostos no menu, pagando por cada um deles. A fé, portanto, como tudo no neoliberalismo, transforma-se numa mercadoria (Pizzi, 2021, p. 7).

Para Sung (2014) estamos passando por um momento em que estamos diante de um Mercado religioso e o mercado como religião, uma vez que as religiões, de um modo geral no mundo ocidental, encontram-se subordinadas à lógica da economia de mercado que se tornou o modo de pensar "natural" nos dias de hoje, inclusive para pensar a religião (Sung, 2014, p. 290).

Em conformidade com Pizzi (2021), no horizonte da sociedade capitalista, orientada pelas premissas do neoliberalismo, tudo (até mesmo a religião) se insere na lógica da concentração cada vez maior da riqueza. Nessa linha, o neoliberalismo reproduz uma estratégia política que cujo objetivo é fortalecer a hegemonia de classe dominante economicamente.

Nesse cenário, a fé se converte num produto que é comercializada nos templos religiosos, em particular pela teologia da prosperidade, especificamente quando germina sua doutrina em igrejas neopentecostais. De acordo com Lemos (2017), a TP represente um aporte doutrinário, por meio do qual se exalta as benesses da riqueza e do dinheiro.

A TP, portanto, em conformidade com análise de Lemos (2017), exerceu grande influência sobre o neopentecostalismo, especialmente quando a manifestação da fé e devoção divina foram sucedidos pela promessa de prósperos empreendimentos, o que ajudou a acarretar um grande contingente

de pessoas, também interessadas em concretizar o sedutor desejo de consumir. Segundo Campos (1999, p. 10):

> Há uma concepção milenarista aqui e agora que permeia tal teologia. Por isso consideramos a teologia da prosperidade uma acomodação da mensagem pentecostal a um novo estágio sócio-econômico da sociedade ocidental e que gera, não mais uma ética de poupança e investimento, como descreveu Max Weber, mas uma ética de consumo.

A reflexão iniciada permite-nos concordar com Benjamin (2013), ao apresentar uma crítica radical da civilização capitalista-industrial moderna, particularmente quando analisa que o capitalismo é uma religião fundada na fé.

Para Benjamin (2013) há uma íntima relação entre capitalismo e religião, uma vez que o atual modo de produção emancipou os indivíduos consumidores de todo pecado. O capitalismo representa uma religião em que o dinheiro ocupa o lugar de Deus que passa a ser venerado acima de todas as coisas.

E um aliado importante nesse processo é a busca incessante por saciar o desejo do consumo que, ao contrário do que supunha Weber, no contexto de secularização, vem sendo responsável por reencantar o mundo, mediado pelo dinheiro (objeto que garante a capacidade monetária para a obtenção da mercadoria e a satisfação do consumo).

A TP, ao prometer a conquista do sucesso e da riqueza material pela fé, dissemina a promessa que se o fiel tiver fé e contribuir financeiramente com a igreja Deus, certamente, lhe proporcionará uma prosperidade proporcional a contribuição realizada. Trata-se da nua e crua comercialização da fé. Nesse sentido, Lima (2007) apresenta alguns questionamentos: “Mas por que uma grande parte dos pobres deste país tem procurado soluções para os males que os atingem especificamente na Teologia da Prosperidade? Como esses sujeitos sociais representam sua experiência de fé?”

Se em algum momento se entendia que a adesão das pessoas à alguma religião tinha relação com o alívio de suas aflições, hoje – sobretudo com o aprofundamento das injustiças e desigualdades sociais, o empobrecimento e marginalização de expressivos contingentes populacionais, acompanhado de um descrédito na política eleitoral, além de uma regressão na capacidade analítica/interpretativa de indivíduos escolarizados ou não – um fator que mais fascina determinado grupo de pessoas é a promessa da prosperidade.

Nesse bojo se insere, por exemplo a Igreja Universal do Reino de Deus que, associada ao movimento neopentecostal, conseguiu captar as perspectivas e anseios de uma camada populacional sedenta por escapar das precárias condições de vida e almejar a sonhada prosperidade:

> A IURD é um movimento neopentecostal, que se propaga numa sociedade pluralista cujo campo religioso concorrencial e turbulento facilita o surgimento de entidades ágeis, sintonizadas com as necessidades e desejos de um público devidamente segmentado, formando assim seu próprio mercado, empregando para isso estratégias de marketing e de propaganda, que tomam corpo em uma retórica e teologia adaptáveis aos interesses de uma sociedade capitalista em processo de globalização (Campos, 1999, p.3).

Observa-se, por conseguinte, que o sujeito encontra dentro do movimento neopentecostal a conformação da sua realidade, necessidades e desejos. A grande retórica e a teologia contextualizadas garantem, na teologia da prosperidade, a transformação da vida de seus adeptos e o alcance de sua ascensão material, esse discurso, por sua vez, seduz ilusoriamente. De acordo com o exposto, Marx (2013) compreende a religião como a felicidade ilusória do povo:

> Ela é a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. a religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. ela é o ópio do povo (Marx, 2013, p. 151).

A religião seria entendida, nesse caso, como o alento necessário para fugir da realidade que oprime o indivíduo, uma válvula de escape para aqueles mais necessitados (e não restritamente para esse grupo). Para Marx (2013), essa essência humana emitiria um alerta, pois seria reflexo da própria miséria real, isto é, na verdade, a religião seria usada para ocultar a exploração e opressão humana (Chagas, 2023, p. 133). Essa compreensão seria a chave de interpretação da conjuntura atual, na qual a teologia da prosperidade ganha

grande notoriedade como uma ideologia que causa a estultificação das consciências.

2 Igrejas neopentecostais e teologia da prosperidade

O crescimento exponencial de igrejas neopentecostais é um fenômeno que ganhou grande notoriedade nas últimas décadas, essa vertente terias duas raízes, a do protestantismo de imigração, que durou do século XVI ao XIX e o de conversão, que nasceu a partir do século XIX, nos Estados Unidos (De Almeida; Moreira, 2021, p. 118). Pena; Zientarski (2022) também abordam que, a partir da segunda metade do século XX, essa denominação pentecostal cresceu e expandiu para a forma predominante atual – o neopentecostalismo.

Com o crescimento das igrejas neopentecostais, as evidências da ascensão recíproca da ideologia, a teologia da prosperidade, difundida nessa vertente, também se tornou aparente:

> O crescimento percentual dessas Igrejas, aglutinadas em torno das ideias da dita "teologia da prosperidade", chegou entre os anos de 2000 e 2010 a ser cinco vez maior que o crescimento da população brasileira como um todo. Os dados mostram que, na década de 1940, os evangélicos perfaziam 2,6% da população brasileira, passando para 3,4% na década seguinte, 4% em 1960, 5,2% em 1970, 6,6% em 1980, 9% em 1990, 15,4% em 2000, chegando a 22,2% em 2010. Mattos sustenta "que pode-se concluir que o avanço evangélico deu-se principalmente sobre um recuo do percentual de fiéis católicos" (Mattos, 2017, p. 145), que declinaram de 89,2% para 64,6% da população — queda de 24,6 pontos percentuais — entre 2000 e 2020. Enquanto isso, no mesmo período, os que se declararam evangélicos ao IBGE tiveram ascensão de 15,6 pontos percentuais, saindo de 6,6% para chegar, em 2010, à marca de 22,2% (Pena; Zientarski; 2022, p. 3).

Percebe-se, portanto, que o percentual de igrejas adeptas da teologia da prosperidade ganhou espaço em solo brasileiro ao mesmo tempo em que as igrejas católicas recuavam nos números. Pena; Zientarski (2022) notaram que o catolicismo perdeu a influência nas localidades mais empobrecidas porque tal fenômeno estaria, atualmente, envolto numa totalidade, ou seja, na realidade da sociedade predominantemente capitalista. Em sintonia com o exposto, Mariano (2014) associa o pentecostalismo com o perfil socioeconômico do sujeito:

> Com o propósito de superar precárias condições de existência, organizar a vida, encontrar sentido, alento e esperança diante de situação tão desesperadora, os estratos mais pobres, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população, isto é, os mais marginalizados – distante do catolicismo oficial, alheios a sindicatos, desconfiados de partidos e abandonados à própria sorte pelos poderes públicos -, têm optado voluntária e preferencialmente pelas igrejas neopentecostais. Nelas encontram receptividade, apoio terapêutico-espiritual e, em alguns casos, solidariedade material (Mariano, 2014, p. 12).

Esse grupo neopentecostal ocupa um lugar em destaque nessa discussão pela sua grande visibilidade na esfera pública, principalmente na mídia e na política. Essa adoção ideológica mediada pela sociedade capitalista explicaria a opção e vinculação aos pensamentos da extrema direita, pois, segundo Pena; Zientarski (2022) o avanço dos movimentos ligados a TP seria simultâneo à implementação do neoliberalismo, com isso, denominações religiosas disputariam a homogeneidade de uma visão de mundo ligada a essa lógica, tanto na educação, quanto na sociedade:

> A análise sobre a transformação da "religião privada" em "religião pública", o fato de as instituições e organizações religiosas passarem a rejeitar o lugar restrito de pastorado das almas, incluindo, em suas agendas, questões relativas às interconexões entre a moral privada e a moral pública, questionando a imunidade do Estado e do mercado a considerações normativas externas. Mais importante: as religiões não estão apenas defendendo suas tradições, mas, na verdade, lutam pela participação nas definições das fronteiras modernas entre as esferas pública e privada, entre legalidade e moralidade, entre o que é do indivíduo e o que é da sociedade, entre família, sociedade civil e o Estado, etc (Campos; Neri, 2020, p. 135).

A expansão da teologia da prosperidade como ideologia é evidente por algumas características se fazerem presente no modus operandi da sociedade, como a valorização da prosperidade material, que seria obtida através da "fé". Esse pensamento vem moldando-se com o tempo apresentando diferenças entre a vertente anterior, o pentecostalismo, dessa nova roupagem do neopentecostalismo. Nesse viés, Mariz (1995) aborda que o neopentecostalismo desperta diversas críticas do pentecostalismo, isso seria

explicado através da reprovação de algumas instituições mais tradicionais em aceitar novos interlocutores, além da ausência de teologia, atrelando o seu sucesso à sua capacidade de construir um discurso que atrai a religiosidade popular, alcançado a matriz cultural de um povo pobre.

Podemos analisar que o grande enfoque do neopentecostalismo seria a conquista material, associada ao bom comportamento de seus fiéis, o que evidenciaria, portanto, um modelo de controle das ações e tomadas de decisões desses indivíduos. Esse controle pode ser atrelado a dicotomia de bem/mal, seguindo a lógica da trilogia enfatizada nessa teologia: cura, prosperidade e libertação (exorcismo) (Mariz, 1995, p.41).

O discurso acerca do mal é comum nas pregações dos cultos de igrejas neopentecostais, à exemplo da IURD. Retomando a trilogia destacada por Mariz (1995), o culto de cura e libertação é enfatizado nesse âmbito e dar grande enfoque para a representação do diabo na vida dos sujeitos da igreja, essas práticas discursivas são construídas pelas lideranças com o intuito de ordenar as relações sociais por meio de uma nova hermenêutica dos textos bíblicos (Oliva, 2005, p.48). Nessa mesma direção, Oliveira Junior (2021) acrescenta que ao decorrer desses cultos, o rito do exorcismo é agregado nesse tripé, sendo considerado o carro chefe para a atração de seu público.

> Os pastores lançam palavras aos ouvintes sobre os "encostos" que os molestam, com isso percebemos uso sincrético do espiritismo e a religião umbanda, pois usam em seus cultos palavras que remetem às essas religiões como: tomar banho de descarrego, óleo ungido, banho de sal grosso, entre outros vocabulários. Muito embora a IURD verbalize grandes críticas a essas religiões. Sobre a doutrina que é firmada através da fé, da oração e do exorcismo, aquele que busca pela Universal se libertará (Oliveira Junior, 2021, p.37).

São evidenciadas as intencionalidades nas práticas discursivas de líderes dessa vertente. Com isso, essas lideranças fazem a relação possessão/doença, que careceriam do rito do exorcismo para a expulsão dessas "entidades", sobretudo, propagam a necessidade imprescindível da conversão dos indivíduos para que a libertação aconteça, o que deixa subjacente o desejo na cooptação de mais fiéis. Algumas características de outras religiões são encontradas durante esses rituais, como aborda Oliveira Junior (2021), contrariando a aversão proferida a outras religiões.

Uma grande participação de jovens nessa vertente evidencia uma outra característica presente em igrejas neopentecostais: a busca por modernização.

Essa estratégia é utilizada para atrair ainda mais pessoas da nova geração, visto que serão o futuro da instituição religiosa, tendo como grande foco a aproximação de indivíduos mais empobrecidos. Podemos evidenciar o movimento Dunamis como exemplo dessa busca da evangelização entre os jovens ancorada na "religiosidade midiática". (Dias; Romancini, 2022, p. 149).

A intensa relação da juventude e a atualização da teologia da prosperidade representa a sua própria intensidade nas relações sociais, configurando uma busca por acolhimento e fuga de problemas conflituosos tão presentes na vida do jovem, abrindo espaço para que os líderes religiosos acessem essa fragilidade e domine as consciências sutilmente. Além disso, alguns mecanismos são adotados como: "a atuação em universidades e escolas, com a formação de grupos de oração e de estudos, e na internet, com produção de conteúdo em redes sociais" (Dias; Romancini, 2022, p. 149).

3 Materiais e método

A investigação aqui apresentada segue a linha da abordagem da pesquisa qualitativa e no lastro do materialismo histórico-dialético. Inicialmente, realizamos um amplo levantamento bibliográfico na Base *Scielo, Google Acadêmico,* Plataforma Sucupira considerando a produção que versa sobre a temática nos últimos 10 anos. Posteriormente efetivou-se o recorte amostral do material enfatizando particularmente as questões chave inerentes a temática associada a investigação pretendida: Religião, teologia da prosperidade, neopentecostalismo.

Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo em uma igreja de neopentecostal orientada pela teologia da prosperidade no bairro mais populoso de Belém (Guamá) com fieis ativos do templo cristão assinalado. Selecionamos 10 seguidores escolhidos obedecendo aos seguintes critérios: A) ser frequentador assíduo do local do culto há pelo menos 5 anos; B) ter concluído a educação básica e C) não ter vínculo empregatício CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) nos últimos dois anos.

Além desses critérios, procuramos também equilibrar na questão do gênero (5 homens e 5 mulheres) e adotamos o mesmo procedimento na questão étnico-racial, objetivando, assim, a diversificação dos informantes. Embora tenha optado por essa forma de diversificação de grupo de informantes, tal como orienta Michelat (1982), não encontramos diferenças expressivas no conteúdo das falas dos informantes.

No que tange a coleta de dados, utilizamos, primeiramente a observação direta e posteriormente a entrevista estruturada e ambos tiveram como base um roteiro preestabelecido e com questões previamente planejadas. Durante a

observação procuramos levantar informações objetivas, considerando sobretudo os critérios relativos a seleção dos participantes para a entrevista semiestruturada. A análise do material seguiu a senda indicado por Bardin (1977). Foram escolhidas duas categorias de análise: a) negacionismo e b) posição política. Os resultados estão expostos nas seções que compõem esse artigo.

4 A Teologia da prosperidade e a estultificação das consciências

Para Mariz (1995) o crescimento dessa teologia no Brasil e na América Latina retoma questões discutidas pelos clássicos da sociologia, como a economia (Durkheim), alienação de classe (Marx) e a racionalização (Weber). Desse modo, essa teologia assume um conjunto de elementos propícios para sua adesão e expansão, de acordo com a adoção da racionalização neoliberal (Dias; Romancini, 2022) como causa e pela alienação como efeito. Gostaria de me atentar nesse tópico acerca da questão do processo de estultificação através dessa ideologia que tem crescido, pela maior presença do conservadorismo, além de alienar em massa, exercendo um grande poder em moldar e fabricar distorção nas consciências.

Podemos compreender esse processo de estultificação através do estímulo ao consumo (lógica capitalista) e ao entretenimento, que apresentam um padrão para ser comercializado de maneira imediata, ou seja, os produtos devem ser homogeneizados, nesse processo o próprio consumidor não seria considerado sujeito, mas se tornaria um objeto. Pode-se associar, portanto, esse estímulo ligado ao viés neoliberal a própria ideologia de prosperidade da TP, nele, seus adeptos são movidos a reprodução ideológica desse sistema, seguindo certos "padrões", evidenciando um cenário determinista, de consumo e concorrência sobre as consciências.

Esses padrões têm sido adotados especialmente no interior das igrejas neopentecostais, adquirindo novas facetas e inovações para atrair seus consumidores (fiéis). Em sintonia com o exposto, para Dias; Romancini (2022), assim como já foi exposto, seria possível falar em "atualização" da teologia da prosperidade, isso porque, segundo os autores, anteriormente havia uma convergência entre a teologia e o neoliberalismo, porém, em "termos mais atuais", em especial no Brasil, há uma aliança entre esses conceitos. Com o intuito de tornarem-se detentores dos meios de comunicação, as lideranças adeptas desse pensamento têm-se apropriado das grandes mídias, além de apresentar um alto investimento monetário nelas. De certa maneira, essa atualização mediada pelo processo de industrialização atingiu a produção dos conteúdos culturais, transformando-a em mercadorias, essa busca incessante

por “coisas” e não por Deus, tem transformado a religião em entretenimento, assim como o entretenimento tem sido a religião.

Esses meios de comunicação alcançaram um consumo de massa e se estruturam de acordo com as relações sociais submetidas ao neoliberalismo, de tal maneira que apresente um perfil fixo, caso contrário, é descartado. Em meio a essa conjuntura, a criticidade perde espaço em um âmbito regido pelo lucro, nesse caso, ideologias boas, são também, ideologias vendíveis, que atendem a demanda do mercado.

> A ideologia é a base do pensamento duma sociedade de classes, no curso conflitual da história. Os fatos ideológicos não foram nunca simples quimeras, mas a consciência deformada das realidades, e, enquanto tais, fatores reais exercendo, por sua vez, uma real ação deformada; na medida em que a materialização da ideologia na forma de espetáculo, que arrasta consigo o êxito concreto da produção econômica automatizada, se confunde com a realidade social, essa ideologia que pode talhar todo o real segundo o seu modelo (Debord, 1997, p. 160).

Nesse quesito, Debord (1997) aborda que as ideologias de uma sociedade têm por base a ideologia de classes, não qualquer classe, mas a qual detém maior poder (aquisitivo) em materializar seus pensamentos na forma de espetáculo (mídia), evidenciando uma consciência deformada das realidades. Essas ideologias percorrem com mais frequência e por vezes, de maneira imperceptível como produto da indústria cultural, evidenciando o controle ideológico por seu magnetismo, popularizando pensamentos conservadoristas na sociedade.

A estultificação das consciências dos indivíduos torna-se efeito de todo esse processo de padronização de informações, isso porque “a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança” (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 57). O domínio não só religioso, mas também político pela religião, tem acontecido através desse processo de manipulação, evidenciando um controle em massa, que almeja a disseminação de maneira superficial das informações, no caso da teologia da prosperidade, de ideologias conservadoras, imbricadas ao ideal neoliberal, no qual, não apresenta o compromisso com o fato em si, mas um conjunto sistemático de consciências e realidades deturpadas, além do crescimento exponencial da “desinformação” e “fake news”.

Em sintonia com o exposto, Horkheimer; Adorno (1985) abordam que a veracidade, nesse sistema, não passaria de um negócio, além da ideologia ser

utilizada para legitimar intencionalmente o "lixo" que é produzido. Se essa padronização superficial emana uma problemática, sua relação com a perda da capacidade crítica do sujeito, é capaz de instigar a aceitação de sua própria realidade (desigual), sem questionamentos ou posicionamentos, tornando estruturas sociais, que foram construídas ao longo da história, ainda mais dominantes.

Para consagrar tal percepção, seria necessário atingir uma "coesão", que seria explicada a partir do círculo da manipulação e da necessidade retroativa na unidade do sistema (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 57). Essa necessidade é capitalista e visa o lucro, molda o comportamento dos indivíduos e transforma a indústria em mercadoria, seja através de discursos de líderes religiosos apresentados na grande mídia e suas grandes publicidades, seja pelo seu engajamento nas redes sociais e até no âmbito musical gospel.

Podemos analisar a partir dessa teoria crítica, que a teologia da prosperidade tem se conectado a indústria cultural. Ambas adotam um caráter neoliberal, um ligado a prosperidade material que seria impulsionada pela devoção e fé, outra onde tudo vira produto e instrumento de mercantilização, no final, sua relação se evidencia na manipulação e domínio das consciências, no controle e na perda da criticidade, reduzindo a fé e a religião a um mero "produto" de fácil comercialização, característica da "compulsividade da sociedade alienada de si mesma" (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 57).

Essa mistificação propagada na sociedade pode instigar desejos não necessários, mas estimulados pela padronização. A estultificação seria perigosa e promoveria um círculo vicioso em todos os âmbitos da sociedade, no caso da teologia da prosperidade, seus líderes religiosos, também envoltos na política, assumem papel de "donos da verdade" para seus fiéis. O sujeito não buscaria outras fontes, sua fonte de informação seria exclusivamente seu pastor, o que compromete a autonomia do sujeito, em vez de tornar-se dono de suas ações, a passividade e aceitação da realidade (desigual) toma conta, contrariando o ideal de que "o progresso da estultificação não poderia ficar atrás do simultâneo progresso da inteligência" (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 68).

5 Teologia da prosperidade e os negacionismos

Em tempos de negacionismo invoco uma conhecida citação de Adorno (1993) escrita na Mínima Moralia: "À medida que o sujeito desaparece, ele nega tudo que não é da mesma espécie que ele" (Adorno, 1993, p. 39). É oportuno lembrar que durante a Pandemia da Covid-19 posições negacionistas foram amplamente disseminadas, especialmente em igrejas de orientação neopentecostais.

Os templos neopentecostais (e não apenas essa denominação religiosa) durante a recente crise sanitária negaram boa parte das advertências para o controle da proliferação do coronavírus como, por exemplo, o isolamento social, o uso de máscaras e a eficácia das vacinas desenvolvidas para combater a disseminação da Covid-19 (Almeida; Guerreiro, 2021).

Em grande medida, o negacionismo religioso encontrou em lideranças evangélicas, particularmente as que eram base de apoio do Governo Bolsonaro, um instrumento de propagação da desinformação produzida pelo então presidente em seus pronunciamentos. Nesse bojo, as lideranças religiosas das igrejas exerceram considerável influência no que tange a compreensão sobre a recente crise sanitária que assolou o mundo, conforme podemos constatar nos fragmentos apresentados no Quadro 01:

Quadro 1: informações sobre a Covid-19

Nº	
FIEL 01	Não acreditei que a Covid fosse tudo isso que foi alarmado.
FIEL 02	Houve um grande exagero em relação a Covid
FIEL 03	Houve a Covid, mas não foi tudo isso que foi noticiado
FIEL 04	A Covid não matou tanto assim
FIEL 05	Muitas doenças mataram mais que a Covid durante a pandemia
FIEL 06	Os dados não eram reais. Isolamento social, uso de máscaras, nada disso impediu.
FIEL 07	Até hoje não me vacinei e nunca adoeci. E não faltei na igreja por causa disso
FIEL 08	Acho que a Covid foi um grande alarde da mídia pra prejudicar o presidente
FIEL 09	O presidente não se vacinou e nem usou máscara. Não pegou covid e tá bem vivo
FIEL 10	A Covid foi uma grande invenção da mídia. Infelizmente muitos acreditaram nele e esqueceram de Deus.

Fonte: Pesquisa de campo, 2024.

Os fragmentos apresentados no Quadro 01 permitem-nos algumas inferências. Primeiro, realmente merece destaque a posição negacionista assumida em relação a crise sanitária da Covid-19. Esse tipo de consciência é construído e elaborado no conjunto de relações sociais que tem sentido e significado das existências desses indivíduos e indivíduas.

Nas Teses sobre Feuerbach, Marx (2019) destaca que a questão de saber se ao pensamento humano pertence a verdade objectiva não é uma questão da teoria, mas uma questão prática. A prática, então, a partir de uma base epistemológica sustentado no materialismo histórico-dialético é o critério da verdade ou conforme Kosik (1986) a possibilidade de alcançar o concreto pensado.

Nessa linha, todos os partícipes da pesquisa empírica informaram que tiveram parentes ou pessoas próximas que vieram a óbito em razão da Covid-19. Nesse sentido, por mais que tivessem proximidade com a prática isso não foi suficiente para provocar uma nova interpretação sobre a crise sanitária, permanecendo, pois, a visão negacionista. Recorremos, nesse momento, a uma reflexão de Guerreiro; Almeida (2021, p. 50):

> Em contrapartida, alguns dos principais líderes evangélicos brasileiros atuaram contra o isolamento social. Esses pastores oscilaram entre tratar a crise sanitária como uma praga diabólica para destruir o Brasil, tal como as dez pragas do Egito, e negar ou relativizar a gravidade da doença. Alguns entre eles profetizaram que o vírus não iria atingir o Brasil. Se chegasse, não contaminaria os evangélicos e as igrejas não seriam focos de surtos da doença, embora diversos casos tenham mostrado o contrário.

Provavelmente essa postura negacionista de muitas lideranças evangélicas em relação a crise sanitária da Covid-19 encontrava respaldo na postura assumida escrachadamente pelo outrora chefe do Estado brasileiro que, com frequência, contrariava as recomendações das autoridades médicas amplamente divulgadas em diversos canais de comunicação e por organizações médicas (Oliveira, 2020).

Nessa linha, é imprescindível compreendermos melhor a persuasividade presente no discurso religioso (Campos; Vieira, 2014), uma vez que, segundo Citelli (2006, p. 13), "[...] persuadir é, sobretudo, a busca de adesão a uma tese, perspectiva, entendimento, conceito, etc. evidenciado a partir de um ponto de vista que deseja convencer alguém ou um auditório sobre a validade do que se enuncia".

Considerando essas questões é oportuno destacar a posição política assumida durante as pregações das lideranças evangélicas. Os fiéis mantêm com os pastores uma relação de absoluta confiança, algo que é verificado nos aconselhamentos e nas orientações espirituais, mas que atualmente temas políticos estão cada vez mais presentes nas pregações religiosas. Mas essa questão será melhor analisada na subseção a seguir.

6 Teologia da prosperidade e o impacto da pregação política nos cultos

Mariano (2014) destaca seis pontos em comum entre todas as tendências pentecostais (pentecostais clássicos, deutoropentecostais e

neopentecostais): a) antiecuminismo; b) da organização das Igrejas centradas nas figuras de líderes fortes; c) da necessidade de uso extensivo dos meios de comunicação de massa; d) do apelo/estímulo à expressividade emocional nos cultos; e) da participação ativa na política partidária e f) da pregação da cura divina.

Percebe-se que a teologia da prosperidade coloca a política no horizonte de suas prioridades. E isso implica em aumento da representação política nas diferentes esferas de poder e a interferência, inclusive, em pautas do executivo, legislativo e judiciário por meio da concepção de um Estado Teocrático, que é umas das questões que estão no bojo da teologia do domínio (irmã siamês da prosperidade).

Nessa direção, os fiéis sofrem forte influência da liderança espiritual na igreja a qual congregam, especialmente no que concerne a posição política que devem assumir e que quase sempre coincidem com pautas e projetos vinculados a direita e extrema direita brasileira e mundial.

Os participes da pesquisa empírica informaram que quase sempre seguem a recomendação do pastor no que concerne as questões políticas. No que tange as eleições proporcionais (que elegem vereadores, deputados e senadores) a influência da liderança religiosa é de 100% dos entrevistados. Nas eleições majoritárias apenas 30% (que elegem governadores e presidente da república) não seguem a orientação do pastor.

Os partícipes da pesquisa empírica também se manifestaram sobre a preferência política. 7 (sete) deles informaram que geralmente seguem à risca a orientação do Pastor. Já 2 (dois) seguem em parte e 1 (um) não se orienta pela posição que o pastor orienta. Conforme analisam Ferreira; Fuks (2021) o hábito de frequentar cultos funciona como mecanismo de mobilização eleitoral, pois "O fundamento teórico de tal expectativa reside no fato de que aqueles que têm o hábito de frequentar a igreja estão mais expostos às mensagens políticas de suas lideranças religiosas e sofrem maior pressão do grupo (Ferreira; Fuks, 2021, p. 2). Os fragmentos a seguir, expostos no Quadro 02 evidenciam o nível de confiabilidade no pregador no que se refere a questões políticas.

Quadro 02: nível de confiança no Pastor

Nº	
FIEL 01	Confio totalmente
FIEL 02	Confiança absoluta
FIEL 03	Meu pastor me representa
FIEL 04	Confio e assino embaixo
FIEL 05	Confio totalmente

FIEL 06	Não tenho motivos pra duvidar dele
FIEL 07	Sempre tem comentários certeiros
FIEL 08	Confio 100%
FIEL 09	Desconfiança zero
FIEL 10	Confio totalmente

Fonte: Pesquisa de campo, 2024.

Devemos considerar que as lideranças religiosas desfrutam de alta credibilidade diante dos teístas e são vistos como líderes de opinião (Ferreira; Fuks, 2021). Os fiéis, logo, confiam, sem muito titubear, nas mensagens políticas proferidas durante as pregações, o que nos permite inferir que essa confiança absoluta no pregador representa um poderoso instrumento indutor de votos e algo quase determinante na escolha de seus representantes políticos nas diferentes esferas de poder.

Considerando que dos 10 (dez) entrevistados 8 (oito) se orientam politicamente no campo da direita, pois, segundo eles, é a posição política do Pastor e sempre acompanham a orientação dele nas eleições proporcionais e majoritárias. Por outro lado, apenas 2 (dois) disseram que seguem o pastor apenas na escolha do candidato às eleições proporcionais, pois na escolha do candidato das eleições majoritárias tendem a votar em candidatos da esquerda.

Mas fica perceptível, o poder da influência da liderança religiosa na orientação política sobre os fiéis. Tendo em vista apenas a escolha da representação parlamentar nas eleições proporcionais o percentual todos escolhe o candidato indicado pelo Pastor, o que não espanta, pois a frente evangélica na Câmara dos deputados federais em Brasília é a segunda maior do país.

Estamos diante de uma configuração alienada da vida (Adorno, 1993, p. 7), algo que torna imperativo identificar e interpretar quais as condições que impactam na produção da subjetividade da existência.

Ainda orientado por Adorno (1994) pensamos que "Por mais insuperável que seja o feitiço, é apenas feitiço**.** O avanço da teologia da prosperidade e hoje da teologia do domínio expõem declaradamente o interesse político na criação de um Estado Teocrático, o horizonte político dessas teologias.

Não se trata mais apenas de ganhar almas, mas de ocupar o poder político tendo por base a institucionalização de um Estado teocrático onde todos sejam subservientes aos preceitos de uma única orientação religiosa, pois nessa visão o Brasil é do Senhor Jesus. E esse projeto político necessita da dominação pela estultificação das consciências.

Era o tempo em que crente não devia se envolver com a política. O crente de hoje é posto como serviçal e esteio a serviço de um projeto de dominação

que impele que os indivíduos estavam devidamente dominados e nem desconfiem do "manifesto segredo" (Adorno, 1994. p. 87) que aprisiona suas existências.

Considerações finais

No Brasil, parte expressiva do segmento evangélico (e certamente boa parte dos católicos que se posicionam politicamente mais a direita) manifesta apoio irrestrito ao expoente da extrema direita nacional, Jair Messias Bolsonaro e que também expressam grande simpatia pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Tramp, grande referência do supracitado ex-presidente da república do Brasil.

Desse modo, o crescimento do neopentecostalismo emerge um alerta para sociedade, isso ocorre por conta das ideologias perpetuadas nesse âmbito, especialmente, a Teologia da Prosperidade, sobretudo quando grande parte de igrejas vinculadas a essa teologia transformam seus templos em palanque político e espaço de disseminação de preceitos vinculados a extrema direita brasileira.

A capacidade de difusão de informações a partir de algumas estratégias, como as mídias e a confiança nas lideranças religiosas, são modelos de legitimação no interior desses grupos religiosos. Podemos constatar a comercialização da fé e a busca incansável pela prosperidade, pois não há uma devoção divina, há uma devoção material, além de ser um projeto bem definido que contribui para a cooptação de mais adeptos.

O discurso sedutor e afetuoso de líderes acentua a representatividade desses atores na vida não só religiosa de seus fiéis. A capacidade de influência que esses sujeitos exercem possibilita a perda crítica e autônoma de seu seguidor em tomadas de decisões no âmbito social, à exemplo disso, a pesquisa empírica realizada nesse artigo corrobora a confiança dos fiéis nesses atores e o grande domínio de suas consciências e de sua estultificação.

Em meio a essa discussão, é evidenciado que o grande perigo dessa estultificação das consciências seria a perda do sujeito ativo em sociedade, isso foi comprovado a partir da associação da teologia da prosperidade com a dominação das consciências. A perda da criticidade e autonomia torna-se um campo fértil para a manutenção de ideologias conservadoras e de classe que foram construídas ao longo da história, a passividade ganha espaço na atual conjuntura, tendo como efeito a alienação da própria realidade, se a religião é fuga da criatura oprimida, ela se torna produto da sociedade capitalista.

Por fim, a pesquisa aqui apresentada e seus resultados apontam algumas sendas: a teologia da prosperidade reproduz sua dominação ao estultificar as

consciências de seus seguidores. No entanto, entendemos que se trata de uma investigação de natureza qualitativa que apresenta limitações em razão da delimitação e do recorte amostral estabelecido, o que sugere a possibilidade de novas investigações, utilizando outras possibilidades de recorte e ensejando reflexões que complementam, corrijam ou aprimorem as que foram apresentadas nesse artigo.

Referências

ADORNO, T. W. Capitalismo tardio ou sociedade industrial. In: COHN, G. (org.). Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, 1994, (Grandes cientistas sociais, 54).

ADORNO, T. W. Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Editora Ática, 1993.

ALMEIDA, Ronaldo; GUERREIRO, Clayton. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 41, p. 49-73, 2021, p. 50.

BARDIN, Lawrence. Análise de conteúdo, Lisboa: edições 70, 1997.

BENJAMIN, Walter. Capitalismo como religião, São Paulo: Boitempo, 2013.

BOTERO, Andrés; AGUIRRE, Javier; ALMEYDA, Juan. Neopentecostalismo, teología de la prosperidad y neoliberalismo. Hacia una lógica religiosa para el Homo oeconoimicus. Entramado, Cali, v. 19, p. 1-17, 2023, p. 7.

CAMPOS, Leonildo. A Igreja universal do reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa). Lusotopie, France, p. 355-367, 1999. p. 365.

CAMPOS, Nathally; VIEIRA, Roberta. A persuasividade no discurso religioso. Linguagens - Revista De Letras, Artes E Comunicação, Blumenau, v. 8, p. 39–54, 2014.

CAMPOS, Roberta; NERI, Raoni. Religiões Afro-Indo-Brasileiras e Esfera Pública: um ensaio de classificação de suas formas de presença. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 40, p. 133-155, 2020, p. 135.

CHAGAS, Eduardo. A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. Trans/Form/Ação, São Paulo, v.40, p. 133-154, 2023, p. 133.

CITELLI, Adilson. Linguagem e Persuasão. São Paulo: Ática, 2006.

DE ALMEIDA, Flávio; MOREIRA, Reinaldo. Neopentecostalismo e teologia da prosperidade: história e implicações no Brasil contemporâneo. In: DE ALMEIDA,

Flávio Aparecido (org). Ciências das Religiões: uma análise transdisciplinar. São Paulo: Científica Digital, 2021. p.115-123.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS; Emily; ROMANCINI, Richard. Teologia da prosperidade 2.0: neoliberalismo, religião e comunicação digital no Dumanis Movement, Libero: São Paulo, n. 51, p. 144-164, 2022, p. 149.

FERREIRA, Matheus.; FUKS, Mario. O hábito de frequentar cultos como mecanismo de mobilização eleitoral: o voto evangélico em Bolsonaro em 2018. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 34, p. 1-27, 2021.

GARRARD-BURNETT, Virginia. A vida abundante: a teologia da prosperidade na América Latina. História: questões e debates, Paraná, v. 55, p. 177-194, 2011. p. 177.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LEMOS, Carolyne. Teologia da prosperidade e sua expansão pelo mundo. Espaço Teológico, São Paulo, v. 11, p. 80-96, 2017. p. 81.

LIMA, Diana. "Trabalho", "mudança de vida" e "prosperidade" entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 27, p. 132-155, 2007. p. 134.

MACEDO, Edir. Vida com abundância. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARIZ, Cecília. Perspectivas Sociológicas sobre o Pentecostalismo e o Neopentecostalismo. Revista de Cultura Teológica, v. 3, p. 36-53, 1995, p. 36.

MARX, Karl. A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner. Rio de Janeiro: vozes, 2019.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel. São Paulo: boitempo, 2013.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1982.

MO SUNG, Jung. Mercado religioso e mercado como religião. Horizonte, Minas Gerais, v. 12, p. 290-315, 2014. p. 290.

OLIVA, Alfredo. O discurso sobre o mal na Igreja Universal do Reino de Deus: uma história cultural do Diabo no Brasil contemporâneo (1977-2005). São Paulo: Assis, 2005. Tese (Doutorado em História Social).

OLIVEIRA JUNIOR, Francisco Kennedy de. Práticas de “exorcismo” na Igreja Universal do Reino de Deus no Rio de Janeiro, durante a década de 80. Piauí, 2021. Tese (Doutorado em História).

OLIVEIRA, Cida. Violações de Bolsonaro em meio à covid-19 são denunciadas na OEA. Rede Brasil Atual, 2020. Disponível em: https://www.cut.org.br/noticias/violacoes-do-bolsonaro-em-meio-a-covid-19-sao-denunciadas-na-oea-4c6c. Acesso em: 26 jun. 2024.

PENA, Anderson; ZIENTARSKI, Clarice. Cristianismo de libertação, teologia da prosperidade e as perspectivas da luta de classes no Brasil. Revista brasileira de educação, Rio de Janeiro, v.27, p. 1-25. 2022. p. 3.

PINI, André; NOBRE, Fábio; DE MENEZES, Maria. O neopentecostalismo no Brasil e a convergência com a ultradireita no populismo reacionário de Jair Bolsonaro. Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais, Paraíba, v. 11, p. 1–16, 2023, p. 1.

PIZZI, Jovino. As religiões e o modus operandi neoliberal: A fé como produto à la carte. Conjectura: Filosofia e Educação, Caxias do Sul, v. 26, p. 1-25 ,2021.

SOUZA BARCELAR DA SILVA, Deyvid; ALBUQUERQUE DE SOUZA, Maria de Lourdes Albuquerque. Teologia da prosperidade, mercantilização do sagrado: um estudo sobre a igreja celular no modelo dos doze em Feira de Santana – BA. Sitientibus, Bahia, v.1, p. 27-46. 2010.

SUNG, Jung. Desejo, mercado e religião. São Paulo: fonte editorial, 2010.